

O estereótipo e a necessidade de (contra)dizer em tempos de conservadorismo político-religioso

The stereotype and the need to (contra)dict in times of political-religious conservatism

El estereotipo y la necesidad de (contra)decir en tiempos de conservadorismo político-religioso

Márcio Antônio Gatti*

Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba – Bra.

Viviane Melo de Mendonça**

Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba – Bra.

RESUMO

Este artigo analisa exemplos do discurso religioso, abordando a incidência e a relevância de estereótipos na sua constitutividade. Os dados são oriundos de uma controvérsia instituída pela discussão do PME (Plano Municipal de Educação) da cidade de Sorocaba e, mais especificamente, pelas falas de uma liderança religiosa da cidade quando vereadores propuseram retirar todas as menções as palavras "gênero", "diversidade sexual" e "LGBTT" desse documento. Buscou-se identificar a constituição dos estereótipos como simulacros do discurso LGBTT para justificar a retirada destas palavras, apontando também a necessidade e estratégias de (contra)dizer estes estereótipos para reagir e resistir aos discursos produzidos pelos parlamentares e lideranças religiosas que reproduzem e reforçam o preconceito e a discriminação da comunidade LGBTT.

Palavras-chave: Estereótipos. Simulacros. Plano Municipal de Educação. LGBTT.

ABSTRACT

This article analyzes examples of religious discourse, addressing the incidence and relevance of stereotypes in their constituency. The data come from a controversy instituted by the discussion of the Municipal Education Plan (PME) of the city of Sorocaba and, more specifically, the speeches of a religious leadership of the city when councilors proposed to withdraw all mentions the words "gender", "sexual diversity" and "LGBTT" from this document. We sought to identify the stereotypes as simulacrum of the LGBTT discourse to justify the withdrawal of these words, also pointing out the necessity and strategies of contradict these stereotypes to react and resist the discourses produced by parliamentarians and religious leaders that reproduce and reinforce prejudice and discrimination of the LGBTT community.

Keywords: Stereotypes. Simulacrum. Municipal Education Planning. LGBTT.

RESUMEN

Este artículo analiza ejemplos del discurso religioso, abordando la incidencia y la relevancia de estereotipos en su constitutividad. Los datos provienen de una controversia instituida por la discusión del Plan Municipal de Educación de la ciudad de Sorocaba y, más específicamente, de las declaraciones de un liderazgo religioso de la ciudad cuando concejales propusieron retirar todas las menciones las palabras "género", "diversidad sexual" y "LGBTT" de este documento. Se buscó identificar la constitución de los estereotipos como simulacros del discurso LGBTT para justificar la retirada de estas palabras, apuntando también la necesidad y estrategias de (contra)decir estos estereotipos para reaccionar y resistir a los discursos producidos por los parlamentarios y líderes religiosos que reproducen y refuerzan el prejuicio y la discriminación de la comunidad LGBTT.

Palabras-clave: Estereotipos. Simulacros. Plan Municipal de Educación. LGBTT.

Introdução

Nos espaços públicos de debate da sociedade contemporânea ocidental, a disputa pela afirmação, validação ou legitimação da voz política é um dos aspectos mais proeminentes. As chamadas minorias sociais, que estão marginalizadas devido aspectos econômicos, sociais, culturas, étnico-raciais, físicos, de gênero e sexuais, por exemplo, tem se configurado como grupos que estão constantemente lutando pela afirmação de sua voz ou de seu lugar de fala. Assim, as vozes das pessoas negras, indígenas, da comunidade LGBTQTT¹, das pessoas com deficiência, entre tantas outras, são aquelas que sempre estiveram na periferia de toda a lógica do poder tradicional, ocidental e hegemônico, marcadamente branca, masculina, judaico-cristã, economicamente privilegiada e hetero/cisnormativa. Configuram-se como vozes marginais que para obter certa legitimação no espaço público precisam organizar-se coletivamente de modo contundente, porque não têm representatividade constituída pelas regras do poder instituído, ou recorrerem às táticas mais radicais ou violentas, porque não são ouvidas de outra forma.

Não há voz, porém, que escape ao processo de estereotipação. Seguindo esse pressuposto, estas vozes marginais também são estereotipadas, assim como as vozes hegemônicas. Há de se fazer, no entanto, duas considerações em torno dessa categoria que é o estereótipo. A primeira delas tem relação com o seu papel crucial em certos tipos de enunciação. A segunda está relacionada com a consideração do estereótipo como categoria de análise discursiva.

O exemplo do humor, em que o estereótipo desempenha um papel relevante, é interessante, já que boa parte do funcionamento dos textos está condicionada à compreensão e ao reconhecimento de estereótipos. É isso que ocorre, por exemplo, com as piadas cujo tema envolve personagens que pertencem a grupos sociais, sexuais e étnicos em sua maioria historicamente excluídos. Há piadas desse tipo cuja necessidade de reconhecer e compreender um estereótipo é essencial, de tal modo que se não o for, o texto perderá todo o seu caráter de texto humorístico, enfraquecendo também o que historicamente é um reforço da exclusão e inferiorização social e, portanto, política.

Para além do humor, há outros discursos em que a presença de estereótipos não só é constante, como também fundamental para a produção de efeitos de sentido nos textos. A publicidade é um deles. Propagandas de produtos de limpeza, por exemplo, muitas vezes, veiculam imagens de mulheres donas de casa, que se preocupam demasiadamente com o asseio, e, assim, recorrendo a estereótipos, reitera discursos sexistas que afirmam que o lugar das mulheres é, predominantemente, ou quase exclusivamente, no âmbito do privado, do lar, do doméstico, da limpeza e do cuidado, direcionando para elas, como público-alvo, a mensagem da peça.

Parece, portanto, fundamental que, sendo o estereótipo relevante na produção de efeitos de sentido, tal categoria seja considerada no que diz respeito à análise de discursos. Mas há discursos em que a estereotipia não se mostra tão diretamente constitutiva dos efeitos de sentido dos textos. Nesse caso, notadamente discursos que circulam com tom de seriedade e doutrinação, como o discurso religioso, são exemplos interessantes.

Neste sentido, este artigo percorreu exemplos do discurso religioso, abordando a incidência e a relevância de estereótipos na sua constitutividade. Os dados são oriundos de uma controvérsia

¹ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis.

instituída pela discussão do PME² (Plano Municipal de Educação) da cidade de Sorocaba, interior do estado de São Paulo, em 2015, e, mais especificamente, das falas de uma liderança religiosa da cidade quando vereadores propuseram retirar todas as menções as palavras “gênero”, “diversidade sexual” e “LGBT” deste documento. Buscou-se identificar a constituição dos estereótipos como simulacros da comunidade LGBTTT como modo de justificar a retirada destas palavras.

Para elaboração deste artigo, foi abordado o conceito de estereótipo como simulacro e, em seguida, discorreu sobre os simulacros do discurso LGBTTT na fala religiosa nas discussões do PME – Sorocaba. Para finalizar, realizou-se uma breve discussão sobre a necessidade, riscos e estratégias de (contra)dizer os simulacros dos discursos do movimento LGBTTT para reagir e resistir aos discursos produzidos por parlamentares e lideranças religiosas, que reproduzem e reforçam o preconceito e a discriminação da comunidade LGBTTT na educação e na cidade.

O estereótipo como simulacro

O estereótipo, categoria muitas vezes maldita no campo das ciências humanas, é frequentemente associado à negatização de algum grupo (social, cultural, étnico-racial, de gênero e sexual etc.), em especial quando se trata de estereotipar minorias sociais. Para Amossy e Pierrot (2001), a relação com o preconceito que derivaria da estereotipação de um grupo não deveria ser, contudo, tomada como regra:

La actitud se define como la posición que adopta un agente individual o colectivo hacia un objeto dado, posición que se expresa mediante síntomas y que regula conductas. Podemos decir que el estereotipo del negro, del japonés o del alemán es la imagen colectiva que circula de los mismos, el conjunto de rasgos característicos que se les atribuye. El prejuicio sería la tendencia a juzgar desfavorablemente y un negro, un japonés o un alemán por el solo hecho de pertenecer a un grupo (AMOSSY & PIERROT, 2001, p. 39)

Ainda sobre isso, as autoras destacam que nessa relação há três componentes: um cognitivo (o estereótipo), um afetivo (o preconceito em relação a este estereótipo) e outro comportamental, do qual derivam a discriminação ou o desfavorecimento pelo fato de um indivíduo pertencer a um grupo. O que quer dizer que a existência de um estereótipo não desencadeia automaticamente o preconceito e a discriminação, embora ele possa estar na origem desses dois fenômenos. De todo modo, o estereótipo também pode ser um elemento de coesão de um grupo, não somente de negatização:

Los psicólogos sociales terminan por reconocer el carácter inevitable, e incluso indispensable, del estereotipo, que no sólo es fuente de errores y de prejuicios, sino también un factor de cohesión social, un elemento constructivo en la relación del ser humano consigo mismo y con el otro (AMOSSY & PIERROT, 2001, p. 47).

² Em junho de 2015 o município de Sorocaba, no Estado de São Paulo, iniciou um intenso debate para a elaboração do Plano Municipal de Educação 2015-20125 (PME), conforme estabelecia o Plano Nacional de Educação 2014-2024 (Lei n. 13.005/2014). O Plano Nacional de Educação (PNE) define as metas, estratégias e diretrizes para a educação brasileira para os próximos dez anos (2014-2024) e também fundamenta a elaboração dos planos de educação de cada município. Os Planos Municipais de Educação, portanto, devem articular as metas locais do município às metas nacionais. (MENDONÇA, 2017).

O que parece regra, no entanto, é que o preconceito e a discriminação não sejam originados de imagens positivas que os grupos fazem de si, isto é, a partir dos estereótipos positivos, de identificação que os grupos cultivam e fazem circular. A não ser que estes estereótipos sejam reinterpretados na lógica do que Maingueneau (2005) chamou de simulacro. Para Maingueneau, nas polêmicas, os discursos funcionam num sistema de interincompreensão generalizada. O que quer dizer que um discurso, a partir de suas próprias possibilidades semânticas, faz interpretações de seu Outro que não são exatamente aquilo que o Outro disse:

Quando se considera o espaço discursivo como rede de interação semântica, ele define um processo de *interincompreensão* generalizada, a própria condição de possibilidade das diversas posições enunciativas. Para elas, não há dissociação entre o fato de enunciar em conformidade com as regras de sua própria formação discursiva e de “não compreender” os sentidos dos enunciados do Outro; são duas facetas do mesmo fenômeno. No modelo, isso se manifesta no fato de que cada discurso é delimitado por uma grade semântica que, em um mesmo movimento, funda o desentendimento recíproco (MAINGUENEAU, 2005, p. 103).

Estão na base dessa interincompreensão generalizada os simulacros, que são espécie de traduções depreciativas que o discurso-agente faz do discurso-paciente. Assim, um discurso produz sempre enunciados que se ligam àquilo que para ele é positivo ou àquilo que para ele é negativo. O caso dos simulacros é a tentativa de um discurso de interpretar seu Outro. É quando há a produção de simulacros, ligados ao que para o discurso-agente é negativo. Este discurso interpreta o discurso-paciente a partir de sua grade semântica produzindo uma imagem negativada do Outro que só funciona dentro próprio discurso-agente.

Possenti (2010) amplia essa teoria e interpreta alguns casos de estereótipo que ocorrem no discurso humorístico, em especial nas piadas, como simulacros, formulando a hipótese dos estereótipos básicos e opostos. Para o autor, ao observar que no caso das piadas a questão da identidade está sempre associada aos estereótipos, boa parte destes, no discurso humorístico, é “uma forma peculiar da manifestação (...) do simulacro” (POSSENTI, 2010, p. 40). Assim, nos materiais que analisa, o argentino é arrogante, a loira é burra, o baiano preguiçoso etc. (cf. p. 40 e 41). Nessa relação interdiscursiva, as análises evidenciam que:

Uma das características das piadas é que elas opõem dois discursos, que podem ser caracterizados como positivo/negativo (...). Assim, considerando-se a hipótese deste ensaio, as piadas fazem aparecer, ao lado de um estereótipo básico, assumido pelo grupo (um traço de identidade?), o estereótipo oposto. Por exemplo, se um grupo se representa tipicamente como “macho” (valente etc.), as piadas dirão dele não só seu oposto, mas seu oposto mais rebaixado possível, considerando certo quadro cultural. Assim, embora o traço “macheza/masculinidade” possa implicar características não ligadas necessariamente ao desempenho sexual (como valentia, ombridade etc.), o estereótipo oposto com o qual opera a piada selecionará o traço “sexualidade”. É nesse sentido que se pode dizer que o estereótipo talvez seja um simulacro (POSSENTI, 2010, p. 42).

Embora o material com que trabalha o autor seja a piada, e nesse gênero discursivo e no humor em geral os estereótipos sejam bem evidentes, o que queremos defender neste artigo é que na fala religiosa analisada na próxima seção também operam estereótipos opostos (ou ao menos

imagens estereotipadas³), que são correlatos de simulacros do discurso, ou de certo discurso LGBTT.

Os simulacros do discurso LGBTT na fala religiosa nas discussões do PME - Sorocaba

Os dados analisados são oriundos de dois textos⁴ de autoria do então arcebispo de Sorocaba, Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues, que se posicionou à época da produção do Plano Municipal de Educação contrariamente a dois pontos do projeto que estava sendo discutido pela sociedade em geral: o que tratava do respeito à diversidade de famílias e outro que dispunha sobre o respeito à diversidade sexual e de gênero. Destacamos desses dois textos, o uso do sintagma "ideologia de gênero", bem como as passagens a seguir:

- 1- "Concluo com a palavra do Papa Francisco em sua encíclica "Laudato Si": "apreciar o próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade é necessário para se reconhecer no encontro com o outro diferente. Desta forma, é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus Criador, e enriquecer uns aos outros"...Não é sadia uma atitude que pretenda apagar a diferença sexual por não saber mais lidar com ela" (RODRIGUES, 2015a);
- 2- "No domingo seguinte, abrindo o Congresso Eclesial da Diocese de Roma, Francisco se dirigiu às famílias incentivando-as a enfrentar a batalha contra a "colonização ideológica" sub-repticiamente introduzida nas escolas italianas e "que envenena a alma e a família". Esse veneno, que mina as bases biológicas e antropológicas do homem, é mais prejudicial que o veneno que se dissolve nos oceanos ou que penetra nas raízes de árvores seculares: ele pode corroer até demolir a humanidade, porque mata a propensão ao encontro entre homem e mulher como ocasião e condição essencial para a reprodução da espécie humana." (RODRIGUES, 2015b.)

Iniciemos pela utilização (frequente aliás nos discursos que se opõem à noção de gênero) do sintagma "ideologia de gênero", como no trecho: "reporto-me neste artigo a uma pergunta dirigida ao grupo de pessoas que na Câmara Municipal, quando da votação do Plano Municipal de Educação (PME), se opunha à introdução da "ideologia de gênero" como parte do eixo que deveria presidir o processo educativo em nossas escolas" (RODRIGUES, 2015a).

O que se pode observar de imediato é que se associa ao vocábulo "gênero" a expressão "ideologia de". Na associação da expressão ao vocábulo, formando o sintagma nominal "ideologia de gênero", podemos inferir que para esse discurso religioso, a noção de gênero só

³ Um estereótipo é sempre uma imagem fixa e simplificada que fazemos de grupos e, por vezes, de pessoas, "[...] representaciones cristalizadas, esquemas culturales preexistentes, a través de los cuales cada uno filtra la realidad del entorno" (AMOSSY & PIERROT, 2001, p. 32). As imagens sobre as quais tratamos na seção seguinte são, no nosso ponto de vista, imagens estereotipadas, porque não são ainda estereótipos difundidos amplamente nos discursos, mas que já operam como simulacros do discurso outro.

⁴Os dois textos, ambos intitulados "O plano municipal de Educação", estão disponíveis em <<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/623042/o-plano-municipal-de-educacao>> acesso em 25 out. 2017 e <<http://www.fatima.com.br/categorias/artigo/o-plano-municipal-de-educacao>> acesso em 25 out. 2017.

pode ser lida como ideologia. Mas não apenas isso: ao observarmos a utilização da expressão nos discursos que se opõem a noção de gênero, há negatização constante dela⁵, o que nos leva a compreender que o que está em jogo é a própria palavra "ideologia". Adentrando pelo emaranhado do discurso teórico sobre a noção de ideologia⁶, mas sem pretensão de exaurir a questão, consideremos, com Ricoeur (1990), que o fenômeno ideológico "está ligado à necessidade, para um grupo social, de conferir-se uma imagem de si mesmo, de representar-se, no sentido teatral do termo, de representar e encenar" (RICOEUR, 1990, p. 68), o que confere a ele um papel de coesão do grupo.

Assim, não se trata apenas de uma função negativa da ideologia que a aproximaria da ideia de falseamento da realidade, mas de funções desempenhadas por ela⁷. O uso do sintagma "ideologia de gênero" escamoteia as funções da ideologia, tomando-a apenas como deformação, e evidencia a dissimulação do pertencimento do enunciador a uma determinada ideologia, curiosamente, a dominante⁸. Trata-se de uma faceta do discurso conservador moderno que encontrou na palavra "ideologia" o recanto ideal para a dissimulação de sua própria ideologia.

O uso naturalizado da expressão, evidenciado pela determinação imposta pelo artigo "a" em "da" ("se opunha à introdução da "ideologia de gênero"..."), traduz essa dissimulação ideológica, inserindo uma falsa (já que se trata de enunciado apenas formulado pelo discurso contrário à noção de gênero) evidência de verdade, que impõe a seu Outro, e a apenas a ele, a alcunha de ideológico. O discurso agente da expressão interincompreende seu Outro, e o traduz como falso e mentiroso, porque ideológico, alçando seu próprio discurso à condição de verdade.

Quanto aos trechos 1 e 2, as imagens estereotipadas da comunidade LGBTTT vão se concretizando na estratégia argumentativa do arcebispo. Para justificar sua posição de que a inserção do respeito à diversidade familiar proposta, no PME, pelo Fórum Popular de Educação de Sorocaba, impunha "práticas educativas que relativizavam o conceito de matrimônio e família, insinuando uma diversidade sexual contrária à experiência milenar da humanidade" (RODRIGUES, 2015a), o arcebispo cita uma fala do Papa Francisco, na qual se evidencia a diferença: "Não é sadia uma atitude que pretenda apagar a diferença sexual por não saber mais lidar com ela".

Trata-se, assim, de uma argumentação que se calca na imagem estereotipada de homogeneidade da comunidade LGBTTT, que, nas palavras do arcebispo, no trecho 1, estaria do lado do apagamento da diferença sexual. De tal modo, o que é diverso e heterogêneo em sua origem (basta que vejamos a quantia de letras que se somam à sigla LGBTTT) é

⁵ Um exemplo: "a primeira definição do termo ideologia de gênero é, então: movimento que pretende desconstruir a família e os vínculos existentes dentro dela." Disponível em <<https://formacao.cancaonova.com/atualidade/sociedade/o-que-e-ideologia-de-genero/>>. Acesso em 15 dez. 2017.

⁶ Uma introdução sobre ideologia pode ser conferida em Brandão (2004) e em Chauí (2008).

⁷ Para Ricoeur (1990), além de uma função geral, haveria ainda uma de dominação e uma de deformação, sendo a última mais próxima da ideia de falseamento e negatividade.

⁸ A ideia da ideologia como deformação está mais ligada à tradição marxista, que a compreende como "o mecanismo que leva ao escamoteamento da realidade social (...), (serve para legitimar o poder de uma classe ou grupo social" (BRANDÃO, 2004, p. 30). É, assim, curioso que exatamente o discurso dominante acuse seu Outro de ideológico.

interincompreendido a ponto de formular-se imagens estereotipadas do outro que podem ser vistas como simulacros do Outro discurso.

No trecho 2, a ideologia reaparece em "colonização ideológica", outra citação atribuída ao Papa Francisco. E acreditamos que as análises efetuadas sobre "ideologia de gênero" são adequadas para esse uso também. Acrescente-se a peculiaridade de "colonização" que impõe ao outro – tradicionalmente minoria – uma característica de dominação. Essa "colonização ideológica" estaria, de acordo com o arcebispo, minando e impedindo a união de famílias e a possibilidade do encontro entre homens e mulheres. Novamente, a imagem da homogeneidade pode ser convocada, mas de modo indireto, quando se vaticina a demolição da humanidade. Não se vê no outro a ideia fundante de seu próprio discurso, a heterogeneidade, mas seu avesso, a homogeneidade, que corrompe e destrói a possibilidade da própria existência da humanidade.

Palavras finais: a necessidade de (contra)dizer os simulacros

A noção de gênero tem sua história. Esta história é da construção de sua própria heterogeneidade enquanto conceito. Segundo Haraway (2004, p.211) "gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta", que tem na contemporaneidade um importante fundamento na obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir (1949) e na sentença "Ninguém nasce mulher, torna-se". Mas foi na década de 1980 que o termo se tornou uma categoria de análise histórica (SCOTT, 1990) no âmbito dos estudos feministas e das mulheres, o que conferiu a ele um potencial analítico para os significados sobre os corpos humanos, para além da reprodução e desejo, colocando em questão o binarismo homem/mulher e discutindo a própria organização social, econômica e política que normatiza e regula estes corpos dentro de estruturas de poder que são produtoras de desigualdades e violências contra corpos não-heterossexuais, transgêneros e femininos.

A noção de gênero constitui-se intrinsecamente como um conceito multidimensional, que não diz respeito apenas à uma identidade, à classe, a raça/etnia, ao poder ou à sexualidade, mas a tudo isso de modo indissociável. Portanto, padrões de gênero podem ser radicalmente diferentes entre contextos culturais e históricos distintos (CONNEL e PEARSE, 2015). Assim, é próprio das teorias de gênero na academia, como também na militância dos movimentos feminista e LGBTTT, a heterogeneidade na sua definição.

No entanto, pode-se encontrar nesta heterogeneidade uma certa homogeneidade para fins estratégicos políticos, como também para definições de projetos, programas e políticas públicas e sociais, como um elemento de coesão de um grupo. Este foi o caso do interesse pela noção de gênero, por exemplo, pelos Estados e pelas agências intergovernamentais, que colocaram como pauta e objetivo programático a promoção da "equidade de gênero", referindo-se principalmente às vulnerabilidades das mulheres. Por outro lado, a reação do Vaticano se utilizando do próprio discurso destas agências produziram estereótipos como simulacros. Assim, alguns possíveis simulacros da noção de gênero, neste caso, seriam "destruição da família", "aceitação da homossexualidade" e "disseminação do feminismo" e "sinistra influência estrangeira".

Ao passo que estados e agências intergovernamentais abraçavam o gênero, o Vaticano, durante os preparativos para a Conferência em 1995 sobre a Mulher em Beijing, e temeroso das consequências que o uso da palavra gênero poderia acarretar – como aceitação da homossexualidade, a destruição da família (patriarcal) e a disseminação do feminismo – estava

orquestrando ferrenho ataque ao conceito de gênero, "associando-o a sinistra influência estrangeira" (COSTA, 1998, p.129)

Este ataque religioso à noção de gênero resultou e deu fundamento às práticas discursivas tais como produzidas pelo então bispo de Sorocaba durante a discussão do PME em Sorocaba, e que ainda permanece em outros debates políticos, no cotidiano, nas igrejas e cultos ou em meios de comunicação religiosos, sejam eles católicos ou evangélicos.

Além disso, a noção de gênero no sintagma "ideologia de gênero" que é apresentada como uma noção "guarda-chuva" é homogênea e direciona o ataque não apenas aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, mas também a toda a comunidade LGBTT, e mais fortemente contra Transexuais e Travestis; e, ainda, produz uma associação da "ideologia de gênero" com partidos de esquerda de orientação socialista (e comunista) e com organizações internacionais, como Organizações das Nações Unidas, revelando o temor pela deflagração de uma "revolução socialista" (MENDONÇA, 2017).

Diante deste contexto, as imagens de si da comunidade LGBTT, mais especificamente aquela que está envolvida com a militância, produzem o discurso da diversidade (ou heterogeneidade), mas que é lido como homogêneo pelos seus opositores, visto que se estabelece a relação polêmica que produz uma interincompreensão, aquela que apenas lê o Outro como tal a partir de sua própria semântica. Assim, a diversidade de gênero ou a diversidade das orientações sexuais enunciadas pela militância LGBTT são lidas pelos seus opositores como "destruição da família tradicional" e "negação do corpo biológico masculino e feminino" e uma "mentira", ou seja, uma leitura que é sempre de simulacro de seus discursos, tal como é realizada no texto abaixo do Bispo Dom Eduardo Benes de Sales em postagem de Facebook em 25/06/2015:

1- É bom lembrar que a ideologia de gênero não tem como objetivo combater o preconceito ou ensinar o respeito à diversidade. Essas duas justificativas são desculpas criadas para ocultar o verdadeiro objetivo dos teóricos que criaram essa ideologia: relativizar completamente a definição de família e esvaziar juridicamente a noção de homem e mulher, masculino e feminino.

Mas, ainda que situado na polêmica que produz intercompreensão na relação com agentes e parlamentares religiosos, há necessidade de (contra)dizer os simulacros por parte da militância LGBTT. Essa necessidade estratégica, politicamente situada, é o que moveu para presença importante de coletivos e grupos LGBTT durante a votação do PME em Sorocaba na Câmara Municipal, na tentativa de manter as palavras "Gênero" e "LGBTT" no documento e, mais ainda, para dialogar com outros agentes de outros discursos e também pela afirmação da voz ou do lugar de fala da própria comunidade.

Muitos consideraram a maior manifestação ocorrida na Câmara de Vereadores de Sorocaba em toda a sua história. Na manifestação tinha um número visivelmente superior de religiosos (católicos e evangélicos), com cruces na mão, cartazes contra a "ideologia de gênero" e em defesa da família tradicional, e até havia uma pessoa com um livro de Olavo de Carvalho em mãos e levantado sobre a cabeça. Gritos, bíblias e cruces eram direcionados aos militantes LGBTT da cidade, que, em sua maioria, eram jovens do ensino médio e universitários, que, embora assustados e indignados, resistiram até o último momento. O Fórum Popular de Educação e outras entidades e grupos que participaram da elaboração do PME também estavam presentes. O PME modificado pela prefeitura de Sorocaba-SP, sem a inclusão de gênero e

diversidade sexual, foi aprovado, com apenas 03 votos contrários, todos da bancada do PT. No final os religiosos, entre palmas e festejo, repetidamente, gritaram: "A família venceu!", frase esta repetida nos discursos finais de alguns vereadores, que no final da sessão rezaram o "Pai- Nosso" (MENDONÇA, 2017, p.15).

Os grupos LGBTT durante a audiência da Câmara dos Vereadores do Município de Sorocaba se uniram às vozes de outros jovens do ensino médio e universitário e do Fórum Popular de Educação e outros grupos presentes, com três textos predominantes:

1. *Por todas as famílias!* - Este era gritado em diversos momentos, marcando um posicionamento da comunidade LGBTT favorável à diversidade de configurações familiares, e contrário a um único modelo familiar hegemônico e exclusivo, a da chamada Família Tradicional, composta apenas por casais heterossexuais com filhos, o que era defendido pelos religiosos presentes no local com cartazes e palavras de ordem. Era a necessidade de contradizer o simulacro que dizia que o debate de gênero nas escolas era uma meta da militância LGBTT para a "destruição da família".
2. *Estado é Laico Já!*. Esta frase estava nos cartazes e gritos recorrentes de grupos durante as audiências públicas e de votação do PME em Sorocaba pelos grupos LGBTT. Há neste texto uma crítica à interferência das igrejas, sobretudo de denominação cristã, nas políticas da cidade e do país, ainda mais quando os temas são gênero, sexualidades e diversidades. Em um dos cartazes estava uma imagem da bíblia e outra da constituição brasileira com a seguinte frase: "*Não é à toa que são livros diferentes*". Marca-se com este discurso a necessidade de contradizer o simulacro "diabólico" e anticristão da militância LGBTT ao ressaltar que sua pauta de luta estava orientada para direitos constitucionais de dignidade e liberdade da pessoa humana, e não a um ataque às religiões cristãs.
3. *#VaitergêneronoPMESim - respeito se aprende na escola. Por um projeto popular de educação.* Novamente a necessidade de afirmar de modo contundente a importância do debate de gênero e sexualidade na escola como um modo de construir um projeto de educação popular que respeite as diferenças entre gêneros e a diversidade no campo da sexualidade, para, assim, combater discriminações e violências. Afirma-se, portanto, que o debate de gênero na escola não é uma "colonização ideológica" da militância LGBTT que deseja por fim a humanidade porque mina e impede a união de famílias e a possibilidade do encontro entre homens e mulheres, contradizendo necessariamente o simulacro produzido.

Evidencia-se nestes contextos a necessidade, riscos e estratégias de (contra)dizer os simulacros do movimento LGBTT para reagir e resistir aos discursos produzidos dos parlamentares e lideranças religiosas que reproduzem e reforçam o preconceito e a discriminação da comunidade LGBTT na educação e na cidade. Parte-se de um discurso que afirma a heterogeneidade do próprio grupo, mas que ainda está atrelado a um esforço predominante não de dizer-se, mas de contradizer os simulacros que são produzidos por seus opositores, que, muitas vezes, dá certa homogeneidade, estrategicamente e politicamente assentada (BRAIDOTTI, 1994), e que servem para a coesão do próprio grupo e para conquistas no campo dos direitos e políticas sociais e públicas. O diálogo impossível com o opositor imediato é muitas vezes possível com os outros, por isso é tão necessário (contra)dizer estereótipos e simulacros formulados pelo outro discurso.

Referências

- AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. *Estereotipos y clichés*. Buenos Aires: Eudeba, 2001.
- BRAIDOTTI, R. *Nomadic Subject: embodiment and sexual difference in comptemporary feminist theory*. 1a. edição. New York: Columbia University Press, 1994.
- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.
- CHAUÍ, M. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CONNEL, R. e PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global - compreendendo o gênero - da esfera pessoa à política - no mundo contemporâneo*. São Paulo: nVersos, 2015.
- FERREIRA, D. de F.; CORROCHANO, M. C. *et al.* Como uma onda no mar: o jogo de forças entre regulação e emancipação no processo de construção do Plano Municipal de educação em Sorocaba - São Paulo. *Crítica Educativa (Sorocaba/SP)*, vol. 2, n. 1, p. 79-95, jan./jun. 2016.
- GATTI, M. A. *A Representação da Criança no Humor: um estudo sobre tiras cômicas e estereótipos*. 2013. 240 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudo da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.
- HARAWAY, D. Gênero para um dicionário marxista. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, p. 201-246, 2004.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar, 2005.
- MENDONÇA, V. M. O Plano Municipal de Educação e a "Ideologia de Gênero": Cenas e discursos da mídia e a Discriminação de jovens LGBTT nas Escolas. *Itinerarius Reflectionis*, v. 13, n. 2, p. 4-21, 2017b.
- POSSENTI, S. Estereótipos e identidade. IN _____. *Humor, Língua e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- RICCEUR, P. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.
- RODRIGUES, E. B. de S. O plano municipal de Educação. 07 set. 2015a. Disponível em <<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/623042/o-plano-municipal-de-educacao>> acesso em 25 out. 2017.
- RODRIGUES, E. B. de S. O plano municipal de Educação. 2015b. Disponível em <<http://www.fatima.com.br/categorias/artigo/o-plano-municipal-de-educacao>> acesso em 25 out. 2017.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2,p.5-22, jul/dez., 1990.

* Linguista, Professor do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos -UFSCar/pesquisador do FESTA e do NEPTECS. E-mail: maggatti@gmail.com.

**Psicóloga, Professora do Departamento de Ciências Humanas e Educação da Universidade Federal de São Carlos -UFSCar/ pesquisadora do NEGDS e NEPTECS. E-mail: viviane@ufscar.br.

Recebido em 10/12/2017

Aprovado em 10/01/2018